

A declaração oficial dos EUA sobre a Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina / Excisão (MGF / C)

Na quinta-feira, 16 de fevereiro, 2012, Mme. Molly Melching da organização não-governamental (ONG) **Tostan** juntou a secretária de Estado Hillary Clinton em Washington DC para celebrar o Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina / Excisão (MGF / C). A conferência de imprensa foi transmitida por vídeo-conferência para uma audiência no auditório da Embaixada dos EUA a Dakar hospedado pelo embaixador Lewis Lukens. A discussão de vídeo realçou a necessidade contínua de mudanças políticas e novas estratégias para acabar com a MGF / C e promover o apoio às mulheres que se submeteram aos procedimentos.

Aqui está nossa declaração oficial sobre a Tolerância Zero à MGF / C:

O governo dos EUA se solidariza com as pessoas em todo o mundo e aqui na Guiné-Bissau, que celebra o nono Dia Internacional de Tolerância Zero para erradicar a Mutilação Genital Feminina/Excisão (MGF/E) o dia 6 de fevereiro. A MGF/E se refere ao procedimento que envolve a remoção parcial ou total dos órgãos genitais externos femininos. Calcula-se que entre 100 e 140 milhões de mulheres em todo o mundo já tenham sido submetidas a este procedimento e 3 milhões de meninas correm risco todo ano. A prática é frequentemente realizada por profissionais não capacitados, sem o uso de anestesia e quase sempre utilizando instrumentos como caco de vidro, tampa de latas, tesouras ou lâminas de navalha não esterilizadas. Além de causar muita dor e trauma psicológico, o procedimento acarreta riscos para a saúde de curto e longo prazo, incluindo hemorragia, infecção e acarreta um crescente risco de transmissão de HIV, complicações no parto e até a morte.

A MGF/E é uma prática enraizada nas crenças sobre os “perigos” da sexualidade feminina, e envolve um rito de passagem para a idade adulta que traz consequências extremamente negativas à saúde e ao bem-estar geral mental de mulheres e meninas em todo o mundo. É uma prática que dificulta o acesso das mulheres à igualdade e viola os direitos e a dignidade de mulheres e meninas. Algumas pessoas ainda defendem essa prática como parte de uma tradição cultural ou religiosa. Mas como a Secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, reiterou, a violência contra as mulheres e as meninas não é cultural. É criminosa. Assim como foi com a escravidão, o que antes era justificado como algo sancionado por Deus é agora apropriadamente desprezado como uma violação inadmissível dos direitos humanos.

A MGF/E é uma prática que ocorre em todas as culturas e religiões, embora de fato nenhuma exija o procedimento. Essa prática é realizada em meninas em muitos países da África, assim como na Ásia e no Oriente Médio. Nos Estados Unidos, o procedimento também é realizado em algumas comunidades de imigrantes e temos trabalhado com médicos nas comunidades sanitárias e jurídicas para sensibilizá-los sobre as consequências negativas da MGF/E.

Em todo o mundo, abordagens comunitárias envolvendo mulheres e homens, meninas e meninos, líderes religiosos e todos os membros da sociedade estão provando ser as únicas soluções duradouras. De fato, os defensores comunitários descobriram que quando os

homens chegam a entender o trauma físico e psicológico da MGF/E, eles muitas vezes se tornam os ativistas mais eficazes pela erradicação, incluindo pais que se recusam de forma inequívoca a permitir que suas filhas sejam sujeitas ao procedimento. As comunidades devem agir coletivamente para abandonar a prática, para que as meninas e suas famílias que optarem por não adotar a prática não sejam marginalizadas pela sociedade. As comunidades que trabalham juntas para abandonar a MGF/E podem garantir um futuro mais seguro e saudável para as meninas, moças e suas famílias.

O governo dos EUA se orgulha de apoiar mulheres e homens em todo o mundo que denunciam essa prática ofensiva e tentam abolí-la. É estimulante ver comunidades aqui na Guiné-Bissau em todo o mundo unidas contra a MGF/E para derrubar normas profundamente arraigadas que não só são prejudiciais a mulheres e meninas, mas a nossas comunidades e sociedades.



Embaixador Lukens e membros do público no Centro de Americana assistir a videoconferência do secretário em Mutilação Genital Feminina. (Dpt de Estado)